



Joel Neto*

Se tens um jardim e uma biblioteca

Das religiõezinhas e demais formulações de fé

«Todos os homens e mulheres que empreenderam essa luta são traídos pelos enfermeiros do Hospital de Ponta Delgada que persistem em rejeitar a vacinação contra a covid-19. O que estes nos dizem é que os enfermeiros não passam, afinal, de cuidadores em cuja classe a credice mais tonta pode vingar com facilidade.»

1. A notícia de que 36 profissionais do Hospital de Ponta Delgada rejeitaram a vacinação contra a covid-19 tem o seu quê de desconcertante. Mesmo tendo em conta que se trata de apenas 36 pessoas num universo de duas mil – e, em especial, por se tratar sobretudo(leio) de enfermeiros.

Historicamente, olhámos para os enfermeiros como meros cuidadores. Não havia nada de mero nisso, creio, mas muitos deles olhavam-no como uma redução daquilo que efectivamente eram. Exigiam reconhecimento como parte da equipa de cura, portanto mais do que simples membros da entourage da doença – exigiam reconhecimento como cientistas.

E mereceram-no. Adquiriram formação específica, fizeram licenciaturas, exigiram e conquistaram especializações – olharam a medicina nos olhos mereceram, por racionalidade alheia e mérito próprio, o direito a serem considerados aquilo que são: profissionais de topo.

Entre nós, até governantes vindos da enfermagem temos tido. Se destoam dos outros em resultado disso, não é para pior.

Todos os homens e mulheres que empreenderam essa luta são traídos pelos enfermeiros do Hospital de Ponta Delgada que persistem em rejeitar a vacinação contra a covid-19. O que estes nos dizem é que, afinal, os enfermeiros não passam de meros cuidadores (a formulação não é minha, é o que o seu gesto vinca) em cuja classe a credice mais tonta pode vingar com a mesma facilidade com que vinga em qualquer classe desinformada.

Com eles, a enfermagem – isto é, a imagem pública da enfermagem e da classe dos enfermeiros – anda para trás mais de cem anos. Nightingale seria a primeira a deplorá-lo.

2. A recusa de vacinação por parte de profissionais de saúde, e principalmente desta vacinação, emite um sinal perigoso para a chamada população em geral. Os portugueses confiam nas vacinas e os açorianos confiam nas vacinas. Mas já confiaram mais, todos eles, e ninguém acredita que, no noutro tempo, fosse possível encontrar (apesar de tudo) tanto dito anti-vaxxer – até na pequena e remota ilha do Corvo, onde 12 pessoas não se querem vacinar e outras 20 desconfiam das doses de reforço.

A desconfiança das vacinas é uma obstinação descabida, que contraria as evidências científicas. É um investimento na ignorância, flagelo que se disfarça hoje (porque já não se pode disfarçar de outra coisa) de sabedoria. É mais uma religiõezinha – uma demonstração do tédio em que se vive no século XXI, uma celebração da incultura e uma ameaça para toda a população, açoriana, portuguesa e mundial.

Compreende-se mal, inclusive, que um profissional de saúde português possa continuar a exercer junto de pacientes sem a respectiva vacinação em dia. Na Alemanha, como noutros países, todos são obrigados vacinar-se, caso contrário são remetidos (pelo menos enquanto durar a pandemia) a tarefas administrativas ou de investigação.

Porque não se trata, realmente, de objectar ao direito individual de não se ser vacinado (e que também se poderia discutir, mas não neste texto). Trata-se de garantir que os profissionais de saúde são interlocutores seguros nos processos de prevenção e cura, reduzindo ao máximo alcançável a possibilidade de contribuírem para a disseminação (e o adiamento da extinção) de uma doença que já matou quase 5,4 milhões de pessoas, das quais quase 19 mil em Portugal e um total de 48 nos Açores.

Fora tudo mais que causou, isto é. Inclusive uma paralisação das sociedades e das economias cujos efeitos duração durante décadas – e que, em maior ou menor grau, hipotecarão Gerações.

3. A ideia de vacinação obrigatória tem muitos graus. Entre a obrigatoriedade nenhuma e a obrigatoriedade total, é possível impor a obrigatoriedade para quem pretenda fazer determinadas coisas (por exemplo, frequentar certos locais públicos) ou desempenhar determinadas funções (como trabalhar na saúde).

Na verdade, Portugal tem há muito tempo alguma vacinação obrigatória. Ainda tem: alguém que pretenda matricular-se ou realizar exames num estabelecimento de ensino, por exemplo, não pode fazê-lo (expressa-o o ePortugal, o portal oficial de serviços públicos do Estado) sem a vacinação da difteria e do tétano em dia. E, como todos sabemos, a frequência do ensino é obrigatória em Portugal até concluído o 12º ano de escolaridade.

Nada disto se discute quando se discute a vacinação das crianças, aliás livre da dita obrigatoriedade total. Os pais hesitam, como é seu instinto natural: um imperativo biológico diz-lhes, desde o primeiro dia, que são os últimos guardiões da longevidade dos seus filhos e do sangue que partilham com eles. E o Governo da República cometeu realmente um erro ao atrasar a divulgação dos pareceres científicos que a aconselhavam, receoso de que os vagos sinais de falta de consenso contribuíssem para os receios e as manipulações.

Mas vale a pena repeti-lo, como todas as coisas que já se sabe mas que se tende a esquecer: a vacinação das crianças é tão segura como a dos adultos, é realizada com doses adequadas à fase de crescimento e, em resumo, tem infinitamente mais benefícios do que riscos. Que é aquilo que os pais pretendem garantir para os seus filhos no dia-a-dia: aumentar os benefícios e reduzir os riscos – no fundo, melhorar as probabilidades, porque risco zero não existe em nenhum momento das nossas vidas, e estejamos a fazer o que estivermos.

De resto, um desses benefícios tem sido bastante negligenciado no meio da vozearia: poupar a saúde mental das crianças. Que, verbalizadamente ou em silêncio, se sentem com cada vez mais frequência (dizem-nos os estudos científicos, não as formulações de fé) os novos operacionais da doença, servindo-lhe de hospedeiros e agentes disseminadores. E que, aliás, o sentem indelevelmente de cada vez que um adulto – um vizinho, um pai, um avô – se retrai ao de leve, mesmo que num impulso irreprimível logo combatido, ao contacto com elas.

As crianças infectam-se e infectam os mais velhos. E, enquanto puderem infectar-se, a covid-19 continuará a existir, a procurar novas mutações e em busca dessa mutação perfeita com a qual, enfim, tentará aniquilar a espécie. Sabê-lo não chega para os ditos 36 profissionais do Hospital de Ponta Delgada, mas talvez chegue para uma família hesitante.

**Escritor e membro do programa da RTP Açores Novo Normal (quartas e quintas-feiras à noite)*